

Feminismos e movimentos
de mulheres:

ligação do pessoal e do
político

Fundação Cuidar o Futuro



1. Feminismo e mov/s de ms — uma perspectiva sociológica

Num primeiro tempo,
vou clarificar em q̄ ~~me~~
perspectiva me coloc~~o~~
ao falar, esta tarde, de
"feminismo e mov/s de
ms".

- ~~o~~ faço-o porque reco-
nheço q̄, numa época
e numa sociedade
como aquelas em q̄ vivemos,
a referência a feminismos

poede acordar ecos de 2
vãos combates ideológicos,
paralizantes do entendi-
mento das coisas e ini-
bidores à ação constru-
tiva.

Recuso, assim, como
referência aos feminis-
mos q os enquadra-se
nos esquemas dicotô-
micos tão caros à visão
unidimensional da
realidade. Mesmo se
~~oposto~~, até tenho de
abarcá-lo, na referência

aos feminismos, ele 3
elementos de luta contra
o sexismo, desejaria
fazê-lo sem q̄ isso se
traduzisse na mera
listagem de antinomias
q̄ não permitam sair
do registo em q̄ o sexismo
se coloca e q̄, no fundo,
se reduzem a uma afir-
mação do unisexo.

É q̄ o me faz reagir
~~cont~~ ao unisexo (não
é apenas o conhecimento
da imensa exploração



de milhões ^{de pessoas a-criticos?} por meia 4
dúzia de milionários.

~~com tão pouco a leitura~~
~~do relatório Hite.~~ Antes,
sim, a afirmação do
carácter dual da pessoa
humana, da qua exis
tência em ts e ms;

Fundação Cuidar o Futuro

e, p: além dessa afirmação
antropológica, a denúncia
do mito do UM, UNIFORME,
MESMO ~~do GLOBAL~~
~~TUDO~~, ~~TOTALITARIA~~ 9, pseudo
reflexo do monismo cul
tural absurdo, é caminho
p: o único político, ~~inconf~~

reductor das diferenças⁵
e aniquilador de todas
as dissidências criadoras.

~~(Não estará esse mito
do um já presente q. do
às desigualdades consen-
tidas e q. põem conceitos
como: "o mesmo~~

Fundação Cuidar o Futuro

Desde 1975, muitas ¹¹
das lutas parcelares de-
sucadeadas pelos fe-
minismos e movimentos
de ~~ms~~ ^{em} ~~se~~ ^{consideradas} como
actividades "marginais"
durante a década anterior
- foram retomadas a
nível das instâncias
socio-políticas nacionais
e internacionais. É possível
já hoje traçar o itinerário
de questões q̄ tendo sido
inicial/ apenas a
explosão do q̄ as ms

Fundação Cuidar o Futuro



sentiam no seu dia-a-dia-¹²
-dia ressaram nos
movimentos de m/s
como ~~grandes~~ ^{fortes} sinais
de alarme q as ins-
tâncias do poder polí-
tico não puderam
ignorar.

Fundação Cuidar o Futuro

A ligação entre o
pessoal e o político ~~de~~
~~q me propuz~~ falar fo-
deria ver-se nessa cami-
nhada. No entanto, o
q me parece mais signi-
ficativo é ~~de~~ q nos
feminismos e mov/s

de ms e processo a 13
globalização não só das
práticas sociais mas das
suas questões e as motivações.

Noutros termos, dá-se,
no meio dos movimentos
de ms, uma integração
inédita entre a mudança
personal e a mudança
política.

Como refere Nancy
Hartsock, "as profundas
ligações entre o
personal e o político é ao

prof. de ciências
políticas na Univ.
John Hopkins
"Nancy"

tentarmos compreender¹⁴
os laços entre a vida quo-
tidiana e as instituições
sociais, começámos a
entender a existência
como um processo social
como um produto da
actividade humana".

Fundação Cuidar o Futuro

Da ainda em outros
termos:

"Uma redefinição
fundamental de nós mes-
mas é uma parte inte-
gral da acção para a
mudança política."



(Pontuação) Quando as mães amam 15
lisam a que ff, vida,
~~põem em~~ através do
novo "relais" q cad os
movimentos de mães,
põem em causa a ff
matriz social em q se
definem.

Fundação Cuidar o Futuro
O despertar (maieço)
das mães e a que ex-
pressão social nos
feminismos e movimentos
de mães levanta a
questão de saber se é
possível uma tomada
de consciência pessoal

quem q sejam racudidos 16
as estruturas sociais. E,
reciproca/ podemos - nos
perguntar q sentido têm
as mudanças sociais e
políticas q ~~deixam~~ imó
não pensam pelos processo
personais de transformaç
dos (membros) dos grupos
q se querem agentes
de mudança.

Como diz outra autora
americana (Marge Piercy):
"Se aquilo q mudamos não
nos muda é porq princamos
q hijos".

Trata-se, por um 16A
lado, da expressão política
q̄ assume, nos fornicis
nos e novis de ms,
o personal é do seu significado
no corpo social.

Trata-se tr., por outro
lado, das acontecis sociais
e políticos + significativos
e q̄ encontram na vida
actual das ms com eco
q̄ abala ~~acode~~ o adquirido
e abre novas possibilidades.



Esta indução recu 16B
prova constitui um dos
aspectos + novos da si-
tuat das ms na socie-
dade. Os movi/s de ms

urgem assim como os
lugares privilegiados
dessa indução. E são-vo

~~Importa, por isso,
analisá-la a vários ní-
veis da expressão do
corpo social.~~

• Importa salientar ^{16C}
q̄ refiro apenas aqui a
ligação pessoal/político
ao nível da metodologia
de análise social.

Um trabalho completo
exige dois outros níveis

— por um lado, a aférese
histórica dos mov. & de
ms (q̄ dou por adquirir
neste contexto)

— por outro lado, a expressão
de uma teoria q̄, embora
me seja cara, resultará,
julgo, mais rica, do con-
junto de debates q̄ terão lu-
gar nesta série do CRC.

Embora limitada, ^a esta (96D)
análise é indispensável a
o projecto político q̄ se
queira portador de algo
mais do q̄ ^{de} esta fada dou-
trinas.

Em primeiro lugar, posue,
situando-se na sequência
de outros movs socio-po-
líticos q̄ movimentaram
grandes massas dd o
início da industrializa-
e nascendo de uma
persoal q̄ se exprime
hoje, e/as vivências de hoje



os movi/s de $\bar{m}s$ ~~revelam~~ ^{16E}
onde se situam as inter
faces de maior impacto
social e personal. Estas
assim em condições de
fornecer elementos p.^o
~~matrizes~~ definir uma
política ^{tecnica} intersectorial e ~~o~~
^{economica,} social e cultural integrada.

Em segundo lugar,
nascidos de vivências personais
onde se exprime o quoti-
diano tal qual é,
os movi/s de $\bar{m}s$ ~~revelam~~
contribuem p.^o \bar{q} a
política se molde sobre

a realidade. Permitem 16f
a desmontagem dos ~~filos~~
~~idealismos~~ e ~~realismos~~ e se julgam
realismos só se utilizam
os critérios ^{quantitativos e} englobantes
de macro-economia.

Em terceiro lugar
~~e como consequência do~~
~~q a act. de class. Futuro~~
mov. s de ms dão à
política um contributo
decisivo porque, ao
revitalizarem o tecido
social, podem estabelecer
a difícil ligação q vai
dos mov. sociais ao poder político.

• Falar de feminismos ^{(17) 6}
~~é sobretudo se refer~~
leva-nos para o campo
dos fenômenos sociais,
longe das doutrinas feitas.

Já tem sido suficien-
te referido que os fe-
minismos são uma
prática social efectiva
constituída por um con-
junto de opções, denúncias,
lutas, acções e
visam a eliminação
do sexismo e, como
afirmação consequência



explícita, a afirmação ¹⁸ de valores, atitudes, po-
ssibilidades ignoradas
do humano q̄ perme-
eceram até ao n/ tempo
ao nível do pessoal e
do privado mas q̄,
pela primeira vez na
história, têm as condi-
ções p.º de tornarem
ociais e públicas,
acrescentando assim
novas dimensões à vida
humana.

Digo feminismos e ⁽¹⁹⁾8
movimentos de m̄s num
plural deliberado. Como
q̄ outro movimento social,
as questões e os actores
do processo são tão
diferentes entre si quão
diferentes são as situações
em q̄ se manifestam.

(Basta comparar os
feminismos europeus /
o feminismo america-
no ou o feminismo
de Europa do Norte c/ o
feminismo do Mediterrâneo.)

Expressam-se em ²⁰9
contemas de publicações
periódicas, partindo
quase todas da vivência
concreta das mulheres;
utilizando o tom saúrico
face ao existismo e de-
nunciando; e apontando
para questões sociais
~~que estas finalizam~~ que, se
se diferenciarem da
discriminação contra as
mulheres no sentido
estrito, não deixam
de fazer sistema com

Fundação Cuidar o Futuro



essa discriminação. (21.10)

O feminismo e mo-
vimentos de m̄s têm
várias formas de visi-
bilidade de q̄ é simbo-
lica / ~~o~~ mais significa-
tiva a existência de
lugares onde as m̄s
se encontram e se
dizem e procuram
soluções práticas e fun-
damentações teóricas,
para a que situação
concreta e para a sua
intervenção colectiva.

Pela sua natureza e pelas opções q tomam os movi/de ms reforçam alguns dos aspectos de + urgente- solução no domínio de política.

- as ms di 2^{va} eu - põem em questão (metade humana!) os esquemas de delegação de poderes;
- as m fazem a incisão penetrante do imaginário e do real (literat. port.) - o seu idealismo é o realismo exigido pela vida
- as ms revêm const./a sua act e a sua estratégia (F-hebdo e sus pensões) - ~~qualidade de~~ rigor científico

- as ms realizam um trabalho
s/valor monetário - põem em
causa o trabalho-escravo,
- as ms "tomam a sério" o q̄ fa-
zem (aparelhos + aplicads
q̄ fazem) mas ñ se tomam a
sério - qualidade ética
- as ms têm o gosto do novo,
do irreverente, do inconformista
(Petra Kelly, deputada portuguesa
q̄ falou) - inovação cultural
- as ms são a base de pirâmide
de produção e as correntes de
transmissão p̄ o consumo
- uma economia ligada ao real



• os mov. de ms ~~for~~ ^{dir-} (24)

nam a \neq ca, \neq recusam
o disfarce escolástico or
"jornal" neutro e asexual
e \neq denunciam o mito
do UM, do UNIFORME, a
tendência p. o MESMO
— põem em causa o mo-
nismo cultural;

vão a dissidência const.
face ao único político,

partido,
ideologia,
regime
ou homem.

2. "Interface" cívico/política 17

• No plano ~~social~~ pessoal

Uma das primeiras manifestações da tomada de consciência das mães é a afirmação da sua liberdade e autonomia; a reivindicação de seu direito a serem ouvidas de sua própria história; e a rejeição das dominações q exte-rior/e muitas vezes a coberto da lei, as opri-mem.

A expressão desta 18
autonomia tem muitas
vezes como cenário o q̄
até' aí serviu de meio
servizante. É a repa-
ração da mãe, do pai,
do marido, do quadro
de vida. Com carac-
terís-
ticas de comunidade
primária. É o desfazer
do "ninho". É o grito
do recém-nascido preendo
ajuda no espaço gesto
descontrolado.



É uma ^{aparência} ~~espécie~~ de 19
"inocência" readquirida,
da afirmação da criança
q̄ pela 1.ª vez faz um
desenho, ata os sapatos,
balta uma escada e
diz: "Fui eu sòzinho
q̄ fiz isso!"

Fundação Cuidar o Futuro

A rejeição das domi²⁰
nacões é o primeiro tempo
de um tal processo. Tudo o
 \bar{q} é constrangimento,
tudo o \bar{q} é ressentido
como imposição personalizada,
tudo o \bar{q} é limite ao
quadro idílico de um
paraíso original em \bar{q}
tudo teria sido possível
e o prazer continuarse
ligado a todo o acto hu-
mano — tudo isso é
rejeitado em bloco.

Tal rejeição tem-se 21
melhanças evidentes c/ o
comportamento dos povos
no período imediato à
conquista da independên-
cia. A libertação diz-se
então negativa. É o
grito do recém-nasido
~~fazendo em reação ao~~
mundo de q se referou.
~~gestos ainda descontentados.~~
É o ressentimento amargo
por tudo o q constitui
uma história na sua
dependência e nos seus
limites.

Has nem por se afir. 22
mas como rebeldia, o
desejo de autonomia é
menos verdadeiro. Só q̄
se trata de um penoso
e difícil trabalho até
q̄ se torne possível a
liberdade q̄ se afirma
na encruzilhada das
interdependências e se
reconhece nas renúncias
que a vida exige para
que cada uma seja, de
facto, sujeito da sua
história.

Porque, p.^o ser sujeito 23
da ^{sujeito} história, "é preciso,
como diz Catherine Clément,
"pensar pela história".

Quer dizer "pelo momento
preciso onde se faz a
articulação
~~precisa~~ exata entre a
história de um sujeito
individual e a história
coletiva".

O feminismo e 24

os movimentos de m

têm sido o lugar ^{top} onde
esta articulação ~~se~~ tem
^{tentado} ~~realizada~~. Neles se

têm ~~efectuado~~ afirmado
vidas q̄ se autonomi-
zam para a ~~securi-~~
intervenção consciente

na história. (Mas neles

h. se têm dilacerado

vidas q̄ rejeitando a
dominação onde apr.

a encontraram vão
procurar de novo uma
nova securização.)



25

A prática dos
Conos de m̄s é, antes
do mais, a afirmação
sociológica de um lugar
onde pode exprimir-se
o sujeito - mulher, onde
a autonomia das m̄s
pode tomar forma
possibilitar
~~sem e conduzir a uma~~
coes genuína sem
~~fazer também no~~ conduzir ao
~~conduzir ao~~ delírio
narcissista do eu, pro-
jectando-se ideal/
numa $\gamma\gamma$ galáxia livre
de toda a lei Ω gravidade.

Gradual/ os movis 26
de ms retomaram as
grandes áreas em q as
ms se reconheciam
oprimidas e, por ações
sucessivas — ou até
pela ^{ameaça q} ~~que~~ ^{constitue a} ~~que~~ ^{existência} ~~que~~ — levaram o
poderes públicos a de-
truzarem — e sobre os
~~instrumentos~~ formas insti-
tucionalizadas de
opressão das ms. ~~For~~
^{Nasceu} ~~assim~~ assim uma es-
pantosa ~~volume~~ ^{volume} de legislaç

\bar{q} libertou a \bar{m} , pelo 27
menos em teoria, das
formas + óbvias de do-
minação, que lhe con-
feriu jurídica/ a auto-
nomia \bar{q} as estruturas
patriarcalis lhe não re-
conhecem, constituindo
hoje um corpus jurídico
 \bar{q} leva a falar de um
direito internacional dos
ms. Reconhece-se assim
 \bar{q} as \bar{m} s são sujeitos po-
tenciais da ^{grande} história.



• Significado político 28

O significado político inequívoco do desejo pessoal de autonomia ~~ansim~~ retomado pelos fem. e mov. de mulheres situa-se, antes de mais, no reconhecimento de q a verdadeira libertação se gera nos sujeitos individuais e se veicula através da sua pr organização.

É, em termos m. ^{to} imediatos, a afirmação

de q̄ "nunca o Estado ²⁹
libertará a sociedade"
— como já foi programa
de governo neste país —
mas de q̄ a sociedade
contém em si mesma
a força suficiente p.^o
se exprimir e se estru-
tura.

Fundação Cuidar o Futuro

Mais: q̄ projecto de
reformas a introduzir
pelo aparelho do Estado
q̄ tem sentido a partir
da vivência do sujeito
individual e colectivo.

A importância

• O processo seguido pela luta de autonomia até à existência de 1 direito int/ual das ms, dizendo assim respeito a todos os ~~os~~ regimes políticos, põe ainda outra questão - a de saber se uma sociedade em q se aplicassem total/as normas intrinsecas conduziria automaticamente a uma maior autonomia das ms. Questão q se põe no seio das grandes ideologias em q o mundo se divide.

Fundação Cuidar o Futuro



O \bar{q} equivale a dizer 29B
 \bar{q} as questões primeiras
das $\bar{m}s$ na sociedade
— as \bar{q} dizem respeito
aos seus direitos cívicos
de plena cidadania e
 \bar{q} estruturam a sua
autonomia como pessoa —
Fundação Cuidar o Futuro
— e essas questões se
focem a quem das cliva
gens ideológicas tradicio
nais. ~~Retornar a~~
~~o~~ Interrogar o processo
de autonomia das $\bar{m}s$
é uma interrogat posta
a toda a ideologia.

O PT entendi/ da 29C
organizaç política do
corpo social apresenta
novas formas nos fern.
e mov./de mē. Nancy Hartsock
exprime-o do seguinte
modo:

"Primeiro, o n/mo
de análise sugere q̄
precisamos de organi-
zações q̄ incluam a
apropriaç da experiên-
cia como parte do
trabalho da PT organi-
zaç. (....) Assim,
precisamos de ~~org~~ usar

a n/ff organizez 29D
como lugares onde começa
mos a redefinir as rela-
ções sociais e a criar novas
formas de trabalho q̄
não seguem os modelos
de dominação e de
hierarquia estabelecidos
pelo actual modo de
produção".

"Em segundo lugar,
a n/ estratégia é a
de começarmos a
convergir com outros



grupos q̄ partilham 29E
o n/ entendi/ da política.
Não podemos contudo
trabalhar c/ aqueles q̄
re^{ce} recusam encarar as ques-
tões em termos da vida
de cada dia ou com as
pessoas q̄ não usam a
@ua pp̄ experiência como
uma base fund. mental
do conheci/. Tão pouco
podemos trabalhar
com aqueles q̄ tratam
a teoria como um con-
junto de conclusões a

Querem coladas sobre a 29F
realidade." (p.72)

~~- Poderá talvez parecer
excessivo este modo de
dizer as coisas. Em França
nestes os mov./s de m/s
partilharam, na prática,
esta atitude.~~

Fundação Cuidar o Futuro

3. "Interface" económica ~~30~~

• No plano pessoal

As ms \bar{g} , ao longo do
Pec. XX, foram tomando
consciência de \bar{g} eram
indispensáveis no circuito
do trabalho remunerado,
deram-se conta aí da
exploração a \bar{g} estavam
aqueitas. (Será tratado)
neste par.

É certo \bar{g} para uma
certa camada da classe
média o trabalho re-
munerado pôde ser tra-



tado durante um certo ~~21~~
tempo como uma escolha.
E, através dessas m's, tor-
nou-se claro q o trabalho
remunerado fornece um
sentimento de independên-
cia económica (ainda q
fictícia, dado o escoamento
do salário para o futuro
o q a m fizera gratuita
até então). Reforça-se
assim o sentido de ~~eco~~
autonomia.

Não vou entrar nas
ambiguidades sociais e
económicas do trab. sem.

O q̄ me interessa ~~esta~~ OR
~~noite~~ é o facto de q̄ a
m̄ q̄ ganha o seu pp sa-
lário assume um papel
autónomo perante as
solicitações da ~~compra~~ oferta.
de infância

O mesmo (movi) q̄ referi
há pouco leva-a a dizer:

"comprei isto e o meu
pp diuheiro; m̄ o devo
a ninguém". A compra
e a procura

~~Nos movi/s de m̄s
esta atitude ~~é~~ passa
p. pela análise conjunta.~~

Dai

nas ~~cas~~ ^{total} ~~necessarias~~
actos q̄ correspondam às
necessidades reais.

São muitas vezes, em
termos pessoais, compen-
sações afectivas — quantas
vezes ouvimos, do fundo
da solidão de m.^{tes} m.^s,
dizerem: "deixei isto a
enim pp!" — Pudor por
afirmar a compra? Por q̄
o queria? O dinheiro per-
tence-lhe; o gosto tb. Mas
o q̄ a m. diz c/ essa frase
tão comum é q̄ gostaria q̄
alguém tivesse pensado nela
e lhe desse o q̄ ela tem de comprar.



São fl. resposta a 24
anseios de \bar{g} não temos
consciência — isso é par-
ticular / mítido nas $\bar{m}s$
 \bar{g} durante a infância e a
juventude recalcarão o
 \bar{g} desejo de ter o \bar{g} ^{viam}
_{por carências e/ou}
_{ou outras razões}
nas outras $\bar{m}s$ (s/ disso
se aperceberem, de resto)
e \bar{g} , uma vez atingido o
patronar da independência
económica, parecem ata-
cadas de "bulimia" generali-
zada. (Compram ~~fat~~ves-
tidos e acessórios, compram
livros, concertos e exposições)

35.15

~~As referido este facto,~~
~~o não está de modo algum,~~
~~a fazer uma crítica.~~

~~O q̄ quero sublinhar é~~
Assim
~~q̄ ao mm tempo q̄ a~~
~~em adquire independên~~
~~cia económica, torna-se~~
a presa de novos meca-
nismos.

Fundação Cuidar o Futuro

Não se têm causado
de o dizer os mon/s de
ms. É q̄ a máquina
de dominação económica
rápida/entendeu este
novo fenómeno. Assim,

a economia introdu ³⁶
ziu-se nos interstícios
da vida, colou-se às
aspirações do incons-
ciente, amalgamou-se
com a tendência socio-
logica nascente, fez
que uma nova ~~carac~~
apetência do ser.

Daí q̄ o consumo tenha
sobrepeso à produção.

Tornou-se claro para os
movs de ms que o con-
sumo se tornou uma
função económica autónoma.

E \bar{g} o seu agente prin³⁷
cipal é a m, ~~através das~~
~~destas~~ tarefas \bar{g} continua a
assumir no agregado
familiar.

~~E~~ Os movts de \bar{m} s
não opõem a esta nova
orientaç da economia
Fundação Cuidar o Futuro
ing: - realidade social
um juízo moral - lu-
tando pela ~~for~~ sociedade
"fugal" ou pelo "small is
beautiful".

O \bar{g} denunciado é o

espaçoso paradoxo 38

em q nos fazem viver
os dirigentes políticos:

— um acento totalitário
e ~~violador~~ ^{violador} dos grupos e
das consciências através
do reforço de todas as
estruturas conduzindo
ao consumo, ~~q~~

Fundação Cuidar o Futuro

enquanto o silêncio sobre
a produção apenas é que
brado p.º falar dos "sec-
tores em crise" e das
necessidades do "relançamento
~~possibilidades~~ de in-
vestimento".

Ou, noutros termos, 39
denunciam q̄ os dois
lados do funcional/eco-
nómico — a produç e o
consumo — pertencem
a dois mundos ≠ s:

• Num, a produç, os
critérios são quantitativos
(lucro p. o investidor,
n.º postos de trabalho
fornecidos) e em q̄ nunca
se põe a questão de
saber o q̄ se vai pro-
duzir e porquê;



• noutro, o consumo, 40
os critérios \bar{q} s (aparentes)
qualitativos (os \bar{q} s méritos
 \bar{q} têm, por \bar{q} e \bar{q} um
produto é o melhor \bar{q} todos
os outros).

E, assim, o \bar{q} os
movs de \bar{m} s procuram
é \bar{q} o consumo que torna
uma função exercida
consciente e lucida
pelos agentes \bar{q} nele in-
tervem. P.º além da
defesa do consumidor,

O q̄ os movts de ms 41
revelam é a necessidade
de utilizar o consumo
como função reguladora
da pp. produção.

As conseqüências de
uma tal perspectiva
são imensas:
um consumo lúcido
significa a orientação p. a
satisfação das necessidades
básicas
e logo uma completa
reorientação da produção.

• ~~Ainda no mundo~~ ⁴²

~~A economia~~, As ms fazem
ajuda face a um outro
problema: ~~o~~ sistema
monetarista actual invade
todas as esferas de
pensar e desvaloriza todas
as tarefas sociais não-re-
numeradas (de notar
q̄ esta tendência é + forte
nos países de acesso re-
cente à industrialização
do q̄ nos países ind. como
a Inglaterra ou os Estados Unidos).

Fundação Cuidar o Futuro



Este facto é ressentido 43
pelas m̄s n̄ só ao nível
das tarefas familiares
como das múltiplas for-
mas de voluntariado.

Os mov.ºs de m̄s têm sido
o lugar onde ~~se tem pro-~~
~~cessado~~ o es t̄mulo

p.º permitir quantificar
o trabalho gratuita/

realizado pelas m̄s.

E não faltam os estudos a
de $\frac{1}{3}$ a metade do

valor do dizer o valor económico,
O G E nos países ocidentais
em termos ~~domésticos~~ domésticos.

tais. Onde, uma visi-

bilizar desse trabalho

e/a conseqüente reco-⁴⁴
lorizaç, e reconhecim/
social q̄ the pad inerentes.

Por outro lado, ao ~~se~~
detalhar as tarefas q̄ as
m̄s realizam face aos
afegados familiares e
comunitários em q̄ se
inserir, os mov./s de m̄s
acentuam a multifunção
Qualidade das m̄s e
fornece um quadro
onde essa multifunção
Qualidade é reconhecida.

Desta forma, os $\frac{45}{15}$ $\frac{45}{15}$
de nós foram pioneiros do
q̄ hoje aparece como ini-
ludível: a ciência econó-
mica utilizada na gestão
pública está em plena
falência Jq̄ só é capaz
de dar conta dos fenó-
menos "matemáticos";
Em paralelo, há um
sector invisível da econo-
mia q̄ corresponde não
só ao desejo sofisticado
de alguns de criarem
o seu Jp̄ universo

Fundação "Cuidar o Futuro"



sobretudo a necessidade⁴⁶
de sobrevivência da
maioria num período
em q̄ o pleno emprego
fauce cada vez mais
inviável. Assim surge
~~ter~~ o q̄ uns chamam
de "contra-economia"
(Hazel) e outros de
"economia subterrânea"
(Minc).

4. "Interface" social 47

- No plano ~~social~~ ^{pessoal}

Através de tudo o que acabo de dizer, evidencia-se algo que nas várias pesquisas de estudo que a ONU organizou à volta da Conferência Mundial de Copenhague se tornou um "leit-motiv": as mas estão reconhecidas na sua existência, começam a tornar-se visíveis, socialmente e esteticamente.

As mãs fazem, no (48)
entanto, a verificacão de
q̄ pouco ou nada ganham
q̄ uma visibilidade
q̄ as acuscente nume-
rica/ aos agentes da vida
social e de tomada de
decisão.

O conheci/ da si mãs
traduz-se numa afir-
mação da diferença q̄
est' sub-jacente, sob
formas diversas, à prá-
tica de todos os feministas
e movi/s de ms.



Diferença e visibilidade ~~de~~
dade ~~q~~ levam a pôr
a questão nos convids
de ens do coeficiente
político das actividades
~~q social~~ e dos pro-
cessos em q social/
a m est maica/
e evolvida.

Assim a qua presença
na formas dos mitos
arcaicos de criança e
maís tarde a qua forte
X no ~~q se chama~~

sistema educativo, ~~se~~
levam a perguntar se
não é de facto as mãs
q' já hoje, na situaç, em
q' se encontram, q' estão
aberto o terreno em q'
se formulam os códigos,
a interpretaç dos sinais,
a reorientaç do processo social.

Fundação Cuidar o Futuro

De qual modo, a
presença maizê ds
mãs na agricultura e o
papel quase universal
q' têm na preparaç
dos alimentos — isto
numa época em q' se

torna claro q̄ a ali- ⁵¹
mentary, mais do q̄ a
repime racional, ^{veicula} ~~é~~ uma
cultura — essa presença
^{pode} significar uma afirmação
da identidade cultural
de um povo s/ a qual
n̄ há des.^{to} possível.

Fundação Cuidar o Futuro

É final-^{mente} a penas
citar os exemplos +
clássicos — as ~~ms~~
~~ms~~ são as primeiras a
dar-se conta de q̄ a sua
saúde tem de ser repensada
e vivida autónoma como
resultado de percepção do seu ^{prp.} corpo.



Continuam a ~~revelar~~ ^{verificar} 32

Os primeiros cuidados de higiene e saúde lhes cabem na quase totalidade. Já a proliferação no movimento de mães da literatura sobre "as mães e a saúde" bem como a criação de centros de saúde de mães e já as mães actuam como agentes dos cuidados primários e de medicina preventiva ao nível da comunidade.

Face a este reconheci/53
não admira q̄ os femi-
nismos e movimentos de m̄s
possam ^{na prática} em causa o
Estado-providência. — pro-
blema político da maior
actualidade.

Face a um cresci/zero,
face ~~ao~~ ^{custos} exponenciais
da ~~proteção~~ saúde e de
educação, face ao sistema
proteccionista q̄ torna ainda
possível a produção dos
alimentos necessários,
algo de ~~difícil~~ ^{novos} tem de
~~ser~~ permitir as condições
mínimas de vida.

~~Talvez tenha~~

Chegou a altura de
pensar de outro modo a
solidariedade social.

Talvez tenha chegado
mesmo a hora de
pensar ~~todo o universo~~^{todo}
de outro modo...

Na boca de uma
das n^{as} escritoras
- q^a n^o sei se aceita~~ria~~
q^e eu a diga ~~fo~~ exemplo
de escrita feminina -
é uma esperança de m^ã
q^e ecoa...

